

Charles de Foucauld, o Santo que "não fez nada", só amou Jesus

Charles de Foucauld - diz o Patriarca Pierbattista Pizzaballa - nos recorda que "para ser Igreja não é necessário construir grandes obras. A vida da Igreja é fonte de vida quando brota do encontro e do amor por Cristo. Esta é a primeira testemunha para a qual somos chamados. Sem o amor a Cristo, ficamos apenas com estruturas caras, tanto físicas quanto humanas".

Charles de Foucauld, o Santo que "não fez nada", só amou Jesus

Charles de Foucauld - diz o Patriarca Pierbattista Pizzaballa - nos recorda que "para ser Igreja não é necessário construir grandes obras. A vida da Igreja é fonte de vida quando brota do encontro e do amor por Cristo. Esta é a primeira testemunha para a qual somos chamados. Sem o amor a Cristo, ficamos apenas com estruturas caras, tanto físicas quanto humanas".

O que impressiona na aventura cristã de São Charles de Foucauld é que ele, durante sua vida, "parece não ter feito nada". Ele não converteu ninguém, não fundou nada, não conseguiu realizar nenhum de seus projetos, não "levou resultados para casa". Charles de Foucauld só amou Jesus, imitando-o em tudo, até a morte. Precisamente por isso, a sua história sugere a todos os batizados, que para ser Igreja "não é necessário construir grandes obras", que toda a atividade eclesial só é fecunda se e quando "nascer do encontro e do amor a Cristo", enquanto "sem amor a Cristo, de nós restam somente estruturas caras, quer físicas como humanas".

Com estas palavras, e com outras imagens sugestivas, o Patriarca de Jerusalém dos Latinos, Dom Pierbattista Pizzaballa, quis recordar aos irmãos e irmãs das Igrejas da Terra Santa os traços mais íntimos da história espiritual do monge recentemente

canonizado pelo Papa Francisco, e aquilo que esses traços sugerem em relação à dinâmica própria da missão apostólica no tempo presente. Ele o fez durante a Missa de Ação de Graças pela canonização de Charles de Foucauld, celebrada na Basílica da Anunciação, em Nazaré, no domingo, 29 de maio. Bispos e sacerdotes de outras Igrejas católicas da Terra Santa também participaram da celebração litúrgica, presidida pelo Patriarca Pizzaballa, juntamente com Irmãozinhos e Irmãzinhas de Charles de Fo

Precisamente em Nazaré - recordou o Patriarca - Charles de Foucauld passou momentos decisivos para o seu caminho espiritual, "a ponto de que uma parte da espiritualidade que lhe é atribuída é precisamente chamada de 'espiritualidade de Nazaré'". Uma espiritualidade modelada na convivência familiar vivida com Jesus por José e Maria, entendida como o desejo de viver com Cristo e em Cristo cada momento e cada respiro da vida cotidiana, depois de tê-lo encontrado.

"A pessoa amada", sublinhou o Patriarca na sua homilia, "nunca é conhecida de uma vez por todas". E seguir Cristo significa também continuar a procurá-lo todos os dias, querer ver o seu rosto, poder reconhecê-lo na vida dos pequeninos, fazer uma experiência dele. É um caminho feito de consolações, mas também de muitos momentos escuros, de perguntas que permanecem inauditas, de vazios interiores, de longas esperas, de purificação, de silêncios".

Precisamente seguindo a sua expectativa e o seu pedido de ver todos os dias a obra de Cristo, Charles de Foucauld entra no coração do mistério da Igreja e da sua missão. "Para aqueles tempos observou Dom Pizzaballa – a sua era uma nova maneira de evangelizar: em um período em que os missionários ocidentais percorriam o mundo inteiro para levar o Evangelho à sua maneira, Charles de Foucauld queria ir entre as pessoas, em

certo sentido, para ser evangelizado por elas, fazendo-se próximo, tentando aprender delas seus valores, os modos de fazer, a sua cultura, a língua, as tradições. Sentia-se irmão de todos, antecipando o que hoje é um tema central na vida da Igreja. Mas sua ideia de fraternidade não se baseava em sentimentos vagos ou genéricos. Foi fundada e nasceu da relação direta com Jesus”.

O que chama a atenção neste santo - continuou o Patriarca - é que parece não ter feito nada. Não converteu ninguém, não fundou nada e, lendo os arquivos de nossos mosteiros na Terra Santa e do Patriarcado, não conseguiu realizar nenhum de seus projetos, não comoveu ninguém com seu testemunho. De fato, talvez, conhecendo um pouco sobre nossos ambientes, ele talvez tenha sido considerado como um dos personagens um tanto estranhos que muitas vezes frequentam nossos ambientes na Terra Santa. Em suma, é um santo que não leva resultados para casa. Ninguém. E ele morre assassinado, trivialmente, como muitos hoje. O único critério pelo qual se pode medir sua experiência de uma certa maneira, é o amor. O amor a Cristo levou-o a imitá-lo em tudo, até à morte”. E o verdadeiro amor - observou o Patriarca - "é sempre gerador, sempre abre à vida e a novos horizontes. Assim foi também para Charles de Foucauld. Após sua morte, precisamente em torno a ele que não concluiu nada em sua vida, nasceram várias congregações, movimentos, caminhos espirituais, inspirados por sua experiência. Alguns deles estão presentes aqui entre nós, em nossa Igreja em Jerusalém."

"Graças ao seu singular caminho de santidade - continuou o Patriarca - Charles de Foucauld convida também a Igreja de Jerusalém "a nos libertar da busca de resultados a todo custo, para o sucesso em nossos empreendimentos. Lembra-nos que para ser Igreja não é necessário construir grandes obras. A vida da Igreja é fonte de vida quando brota do encontro e do amor por

Cristo. Este é o primeiro testemunho para a qual somos chamados. Sem o amor a Cristo, ficamos apenas com estruturas caras, tanto físicas quanto humanas”.

Além disso, a experiência de Charles de Foucauld mostra a todos que "amar a Cristo significa amar o homem, onde quer que esteja, assim como é, sem esperar nada, mas fazendo-se próximo dele: no trabalho, na família, nas suas necessidades, nos seus sofrimentos, em sua dor. Sem pretender levar soluções, que muitas vezes não existem, mas levando o amor de Cristo. E aqui na Terra Santa significa aproximar-se de cada pessoa no seu desejo de vida, na sua sede de justiça, no seu pedido de dignidade. Significa pedir a força do perdão, construir relações amistosas com qualquer um, rejeitar a ideia de inimigo, mas querer ser irmãos de cada um.

Para o novo santo francês, os homens e mulheres a quem confessar Cristo na proximidade diária como "irmão universal" eram os muçulmanos dos países do Magrebe. Charles de Foucauld - recordou o Patriarca Pizzaballa - deixa como legado também "a busca de uma relação serena com quem não conhece Cristo, e em particular com o Islã, que marcou tão profundamente a sua vida, e que neste período é um tema tão atual e necessário. Não para converter, é claro, mas para testemunhar o amor de Cristo, que nos torna todos irmãos”.

O ex-oficial francês, que durante a adolescência havia perdido qualquer relação vital com o cristianismo - recordou o Patriarca entre outras coisas - inicia seu caminho de repensar sua vida espiritual graças ao contato "com aquelas populações islâmicas, pobres e religiosas". Um caminho que "o levará gradualmente ao encontro com Cristo, por quem se apaixonará e nunca mais o abandonará. Pessoas que não conheciam Cristo o levaram a encontrar Cristo”.

Frei Prof. Dr. Inácio José do Vale, PhD.

Formado em Teologia com Licenciatura pela Universidade Católica Santa Úrsula - Rio de Janeiro-RJ.

Especialista no Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Dr. Edmundo Ulson – Araras-SP.

Doutor em Ciências Sociais da Religião pela American Christian University-EUA.

Fonte:

<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-05/charles-de-foucauld-legado-pierbattista-pizzaballa-terra-santa.html>